

“E daí?": niilismo e negacionismo à brasileira¹

“So what?": *Brazilian-style nihilism and negationism*

Wander Andrade de Paula²

Resumo

O objetivo geral deste artigo é investigar, a partir da filosofia e da psicanálise, os fundamentos do discurso negacionista adotado pelo Governo Federal do Brasil, em especial do presidente Jair Bolsonaro, no enfrentamento da pandemia de Covid-19 que atinge o mundo. Partindo da hipótese segundo a qual as bases psicológica e cultural desse discurso podem indicar possíveis formas de combate contra seus efeitos nefastos, analisa-se as discussões freudianas sobre a “negação” e, especialmente, as teses nietzschianas sobre o “niilismo” da cultura ocidental. Desse modo, espera-se demonstrar que a adesão de parte considerável da população a tal discurso está assentada na identificação com uma forma de interpretação da realidade que é típica do que contemporaneamente é denominado como “pós-verdade”.

Palavras-chave: Niilismo. Negação. Negacionismo. Pós-Verdade. Covid-19. Jair Bolsonaro.

Abstract

The general aim of this article is to investigate, based on philosophy and psychoanalysis, the foundations of the negationist discourse adopted by the Federal Government of Brazil, especially by president Jair Bolsonaro, in confronting the Covid-19 pandemic that affects the world. Starting from the hypothesis that the psychological and cultural bases of this discourse may indicate possible ways of combating its harmful effects, Freud's discussions on "denial" and, especially, Nietzschean theses on the "nihilism" of Western culture are analyzed. In this way, it is expected to demonstrate that the adherence of a considerable part of the population to such discourse is based on the identification with a form of interpretation the reality that is typical of what is currently called "post-truth".

Keywords: Nihilism. Negation. Negationism. Post-Truth. Covid-19. Jair Bolsonaro.

1. Introdução: a pós-verdade no contexto das redes sociais

“O dilema das redes” (*The social dilemma*, 2020) é um documentário recente que chamou bastante atenção pela rápida e ampla adesão de telespectadores e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Seu tema: os impactos das redes sociais na vida contemporânea, especialmente na democracia. Dentre várias discussões que se desdobram a

¹ Este artigo é resultado parcial de pesquisa de pós-doutorado desenvolvida junto ao Departamento de Filosofia e o Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, durante os anos de 2021 e 2022.

² Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, Brasil. E-mail: wanderdepaula@gmail.com.

partir desse tema, destacaria especialmente aquela sobre a influência das redes sociais na concepção e interpretação humanas da realidade. Segundo depoimento de especialistas, boa parte dos quais inclusive participou da criação desses programas, o resultado das buscas que cada pessoa faz em plataformas como o Google® é absolutamente individualizado, de modo que, por exemplo, o número de resultados para “aquecimento global” varia proporcionalmente de acordo com o número de perfis que pesquisam o tema. O mesmo vale para a “linha do tempo” do Facebook®, que apresenta seus conteúdos de acordo com as características de cada conta cadastrada na plataforma. Em suma, é como se existisse uma realidade para cada pessoa. O que mais preocupa nesse processo, e chama a atenção pelo fato de que os agora denunciadores foram outrora os criadores, é o pressuposto de que, para os algoritmos que criam tais “realidades individuais”, é indiferente se o conteúdo veiculado é verdadeiro ou *fake*. O objetivo das redes sociais é criar uma realidade ao gosto de cada perfil, por meio de uma propagação indiscriminada de informações, cujo principal objetivo não é propriamente informar, mas transformar aquele perfil de internet em um potencial consumidor. Não é, portanto, tarefa difícil inferir do modo de funcionamento das redes sociais o seu potencial de manipulação³. O que, aparentemente, poderia ser um ato autônomo e deliberado de escolha, afinal cada usuário seleciona o tipo de conteúdo que deseja visualizar em suas contas pessoais, pode se tornar uma perigosa arma de manipulação nas mãos de governos ditatoriais ou com tendências autoritárias⁴.

Um dos principais méritos do documentário em questão é, no meu ponto de vista, fornecer relevantes elementos para pensarmos alguns dos pressupostos que subjazem o discurso adotado especialmente pelo Governo Federal do Brasil no enfrentamento da pandemia de Covid-19. A hipótese que se desenvolve no presente artigo é a de que o modo de atuação, especialmente do ponto de vista do discurso, do Presidente Jair Bolsonaro é um dos possíveis reflexos, atuando na realidade brasileira, do que Nietzsche discute como a “crise da verdade”

³ A influência das redes sociais mostrou-se a tal ponto decisiva em escolhas eleitorais que plataformas como o Facebook® e o WhatsApp® viram-se obrigadas a alterar suas políticas de publicação e compartilhamento de mensagens nos últimos tempos. Para uma breve história das *fake news*, mas especialmente sobre o papel das redes sociais na criação e divulgação do que está sendo aqui denominando “realidades individuais”, cf. Greifender et. all., 2021, pp. 3-4.

⁴ Sabe-se, no entanto, que denúncias dessa ordem não são novidade entre nós – basta pensarmos na publicação de documentos sigilosos dos Estados Unidos, há exatos 10 anos, pelo fundador do site *Wikileaks*, Julian Assange. A novidade está, a meu ver, no impacto do filme em questão: sem entrar no mérito tanto do modo complacente com que os principais personagens (entenda-se: alguns dos principais responsáveis pela criação das redes sociais) são tratados, quanto das soluções aparentemente simplórias que nos são apresentadas (como, por exemplo, simplesmente diminuir o tempo que passamos nessas plataformas), é notória sua ampla repercussão, sobretudo entre usuários de redes sociais. Ainda que o perfil e o número de usuários dessas redes variem consideravelmente de acordo com cada região do mundo, a relevância do documentário é atestada, no meu ponto de vista, por ter despertado a atenção e a preocupação de considerável parte dos cidadãos para a envergadura do problema com o qual temos urgência de nos defrontar.

explicitada pelo niilismo, bem como do que Freud teoriza sobre o fenômeno psíquico da “negação” (*Verneinung*). Dito de modo mais claro: como tendemos a reagir, a que respostas e subterfúgios nos recorreremos, contemporaneamente, diante de fenômenos que carecem de sentido – ou, ao menos, do sentido que tradicionalmente lhes é atribuído? Buscarei, a partir da interlocução que proponho entre o niilismo em Nietzsche e a negação em Freud, elementos para pensar possíveis aspectos da “crise do sentido” entre nós, brasileiros(as).

2. Negação, Niilismo e Negacionismo: a crise do “sentido”

Freud define o juízo (*Urteil*), em *A negação* (1925), como uma função intelectual originada do jogo dos impulsos pulsionais (*Triebregungen*) primários. Trata-se da continuação coerente de uma operação que se dá, na origem da vida psíquica de um indivíduo, conforme o princípio do prazer: incluir ou expulsar algo do Eu. A afirmação é, nesse sentido, a operação que substitui intelectualmente a união do Eu com determinado objeto – de desejo –, e por isso pertence a Eros, enquanto a negação, como sucessora da expulsão, pertence à pulsão de destruição (FREUD, 2011, p. 281). Baseado nessa origem, o ato de julgar, cuja tarefa geral é confirmar ou negar os conteúdos dos pensamentos, tem por meta a tomada de duas decisões: a primeira, conforme o “Eu-de-prazer original”, é a de atribuir ou recusar uma determinada característica a algo, a partir do critério original de manter algo dentro ou fora de si; a segunda, conforme o “Eu-realidade definitivo”, é a de investigar as possíveis relações entre algo que existe na representação e na percepção, de modo a lhe atribuir ou negar existência na realidade (*Idem.*, p. 278)⁵.

A principal função da negação é, sob esse perspectiva, o estabelecimento de uma relação de sentido que o sujeito preferiria recalcar:

⁵ Desenvolvida a partir do princípio de prazer, a primeira tarefa envolve o julgamento de algo como tendo sido originalmente bom ou mal, útil ou nocivo, ao indivíduo: “na linguagem dos mais antigos impulsos pulsionais – os orais – teríamos: ‘Quero comer’ ou ‘quero cuspir isso’; e, numa versão mais geral: ‘Quero pôr isso dentro de mim’ e ‘retirar de mim’”. O Eu-de-prazer original quer introjetar tudo que é bom e excluir tudo que é mau (...). Para o Eu, o que é mau e o que é forasteiro, que se acha de fora, são idênticos inicialmente”. Desenvolvida a partir do princípio da realidade, a segunda tarefa implica, conforme antecipado, em “admitir ou contestar a uma representação a existência na realidade”. Trata-se ainda, contudo, de uma questão que envolve “exterior” e “interior”: “O não real, apenas representado, subjetivo, está apenas dentro; o outro, o real, também se acha *fora*. Nesse desenvolvimento, a consideração pelo princípio do prazer foi posta de lado. A experiência ensinou que é importante não apenas que uma coisa (objeto de satisfação) possua a característica ‘boa’, isto é, mereça o acolhimento do Eu, mas que também se ache no mundo exterior, de modo que seja possível apossar-se dela em caso de necessidade”. Portanto, é apenas após o surgimento, e ao longo do desenvolvimento, da distinção entre o subjetivo e o objetivo que o indivíduo aprende a “negociar” com aquilo que lhe é exterior, estranho, forasteiro: pois, originalmente, a existência de algo na representação já era condição suficiente para sua existência na realidade; quanto mais se desenvolve a distinção entre o subjetivo e o objetivo, maior se torna a complexidade da faculdade de representação e, sobretudo em função das deformações da percepção ocorridas nesta última, maior a necessidade de uma exame mais acurado da realidade (FREUD, 2011, pp. 278-279).

O juízo negativo é um substituto intelectual do recalque, seu “Não” é um sinal distintivo, seu certificado de origem, como “*Made in Germany*”, digamos. Através do símbolo da negação, o pensamento se livra das limitações do recalque e se enriquece de conteúdos de que não pode prescindir para o seu funcionamento (cf. FREUD, 2011, p. 278).

Não por acaso, Freud inicia o texto em questão trazendo exatamente casos paradigmáticos de pacientes que, quando impelidos a dizer o que lhes viesse imediatamente à cabeça, respondiam na grande maioria das vezes com negações, como nos exemplos: “Você agora vai pensar que eu quero dizer algo ofensivo, mas não tenho de fato essa intenção”, ou “Você pergunta quem pode ser esta pessoa no sonho. Minha mãe não é”. A condição para a manifestação consciente do material recalçado no inconsciente é, sob esse ponto de vista, que ele surja como negação: “Corrigimos: então é a mãe. Tomamos a liberdade, na interpretação, de ignorar a negação e apenas extrair o conteúdo da ideia. É como se o paciente houvesse dito: ‘É certo que me ocorreu minha mãe, em relação a esta pessoa, mas não quero admitir este pensamento’” (*Idem*, p. 276).

O juízo negativo se torna, portanto, a condição de possibilidade da manifestação, via linguagem, de experiências traumáticas recalçadas pelo sujeito ao longo de seu desenvolvimento psíquico. Trata-se de uma espécie de aceitação intelectual daquilo que fora recalçado, ao mesmo tempo, contudo, em que se mantém seu conteúdo essencial, pois o recalque segue intocado do ponto de vista afetivo:

A negação é uma forma de tomar conhecimento do que foi recalçado, já é mesmo um levantamento do recalque, mas não, certamente, uma aceitação do recalque. Nisso vemos como a função intelectual se separa do processo afetivo. Com ajuda da negação é anulada apenas uma consequência do processo de recalque, o fato de seu conteúdo ideativo não chegar à consciência. Daí resulta uma espécie de aceitação intelectual do recalçado, enquanto se mantém o essencial do recalque (*Idem*, p. 277).

A negação é, em suma, para Freud, a forma do juízo que, sustentada originalmente no jogo das pulsões que visa expulsar do Eu aquilo que não é seu objeto de desejo, tanto atribui qualidades “negativas” a tal objeto, quanto contribui para estabelecer a relação entre o subjetivo e o objetivo.

Minha hipótese é a de que o negacionismo que testemunhamos especialmente no discurso de Jair Bolsonaro a respeito da atual pandemia de Covid-19 é uma espécie de hipertrofia do aspecto mais básico da função intelectual da negação, no sentido de que nesse discurso pode ser percebido o desejo de expulsar e até mesmo de considerar como inimigo tudo aquilo que for considerado diferente de si mesmo e que, portanto, não figure entre seus objetos mais imediatos de desejo. Não se trata aqui, naturalmente, de analisar psicologicamente a pessoa do presidente, mas de se perguntar as razões que levam à adesão – evidenciada,

sobretudo, no próprio fato de sua eleição – de parte considerável da população a esse discurso: parece haver uma espécie de respaldo cultural para o negacionismo⁶. Creio que as análises nietzschianas sobre o niilismo possam fornecer novos subsídios para pensar o problema do negacionismo em termos culturais mais amplos.

Uma das principais contribuições da filosofia de Nietzsche para se pensar a atualidade é o seu diagnóstico dos séculos XX e XXI como a era do niilismo, conforme destacado por um dos principais intérpretes contemporâneos do tema em sua obra (cf. TONGEREN, 2018). Essa tese vem se tornando cada vez mais plausível quando pensamos nos problemas com o quais o mundo ocidental tem de lidar, muito especialmente na denominada “pós-verdade”. Esta indica, a meu ver, uma profunda alteração no modo de conceber valores que eram até então “sagrados” para nossa cultura, sobretudo o valor – em seus aspectos epistemológico, moral, psicológico, cultural etc. – da verdade. Não que a verdade tenha sido abandonada ou relegada ao ostracismo, para usar uma expressão antropomorfizante, mas deixa de desempenhar um papel fundamental de orientação, conforme atestado por vários(as) filósofos(as) contemporâneos(as) que mantêm um diálogo próximo com o pensamento de Nietzsche, como Heidegger e Foucault⁷.

O essencial dessa tese me parece bem resumido na seguinte anotação de 1887, a qual compõe, sob o título “O niilismo europeu”, os “Fragmentos de Lenzer Heide”:

Mas entre as forças que a moral fomentou estava a *veracidade*: esta se volta por fim contra a moral, descobre sua *teleologia*, sua consideração *interessada* – e agora o *conhecimento* dessa longa e encarnada mentira, de que se desespera por libertar-se, atua justamente como estimulante. Ao niilismo. Constatamos agora em nós a existência de necessidades, implantadas pela longa interpretação moral, que aparecem como necessidades do não verdadeiro; por outro lado, dessas mesmas necessidades parece depender o valor, por meio do qual suportamos viver. Deste antagonismo entre *não* estimar o que conhecemos e *não poder* mais estimar, aquilo de que gostaríamos de nos iludir – resulta um processo de dissolução (NIETZSCHE, 2013, p. 250).

⁶ Há, evidentemente, uma série de fatores que podem explicar a força política de Jair Bolsonaro, porém o privilégio da presente análise recai sob aquele que parece ocupar um lugar especial no imaginário brasileiro atual: a adesão ao seu discurso negacionista.

⁷ Foucault dedica parte de sua obra à discussão dos diversos regimes históricos de produção da verdade, dentre os quais a concepção moderna de subjetividade. É o declínio dessa concepção de subjetividade, centrada na consciência e na razão, que demarca o fim da modernidade. Se a ênfase de Nietzsche recai nas consequências da perda da autoridade de Deus na determinação do que é a verdade, tal como formulado a partir da célebre expressão “morte de Deus”, Foucault o faz a partir da perda de autoridade do próprio homem, tal como presente em *As palavras e as coisas*, de 1966. Além disso, deve-se destacar ainda o papel fundamental desempenhado pela concepção nietzschiana de “genealogia” no pensamento de Foucault, especialmente no que diz respeito à determinação de novas formas de orientação da verdade, tal como é explicitado pelo próprio filósofo francês em “Nietzsche, a genealogia e a história”, de 1978. Heidegger, no célebre “A sentença nietzschiana ‘Deus está morto’”, de 1950, discute o papel da vontade de poder no pensamento nietzschiano, tendo como pano de fundo o tema do niilismo e, mais especificamente, da verdade. O filósofo destaca a contribuição de Nietzsche no desvelamento da verdade enquanto um valor, o qual fora colocado em xeque com a “morte de Deus”, porém reinsere o seu pensamento na tradição metafísica, na medida em que a vontade de poder operaria como uma instância de justificação da existência por meio da verdade, sendo esta orientada a partir do próprio ser humano, como já o fizera a tradição filosófica moderna (cf. HEIDEGGER, 2003, esp. pp. 499-510). Sabe-se que a interpretação heideggeriana da vontade de poder foi objeto de crítica de importantes pensadores da obra nietzschiana, em especial Wolfgang Müller-Lauter, a quem será feita referência na sequência do texto.

Precisamente nesta anotação, Nietzsche analisa o processo interno que culmina no que ele havia denominado como “morte de Deus”. Cinco anos após a publicação de *A gaia ciência*, o filósofo destaca o movimento interno de autossupressão da moral pelo desenvolvimento de uma de suas virtudes principais, a veracidade [*Wahrhaftigkeit*]⁸. Esse processo traz à consciência humana os pressupostos da consideração moral de mundo, e denuncia sua finalidade implícita, qual seja, a de atribuição de sentido tanto à existência humana quanto ao todo do mundo. A grande prerrogativa da moral ao longo de sua história, e em especial da moral cristã, foi a de conferir um “valor absoluto” aos humanos, um “sentido” ao sofrimento e ao mal do mundo, bem como de estabelecer, nos humanos, uma espécie de “saber sobre valores absolutos”: ou seja, a moral sempre havia garantido à humanidade não apenas o valor da existência, mas também uma espécie de “conhecimento adequado” dos valores absolutos que norteiam a mesma, no sentido de que lhe seria possível, via conhecimento, acessar a realidade das coisas (cf. NIETZSCHE, 2013, pp. 249-250). Entretanto, o processo contínuo de investigação da “verdade” desemboca, por dever de honestidade intelectual, no niilismo, no momento em que se percebe que seu fundamento não está assentado na realidade mesma das coisas, mas no interesse moral que lhe subjaz: a despeito de sempre ter funcionado como um poderosíssimo meio de conservação da existência, o objetivo da “verdade” sempre foi garantir um sentido ao mundo e à ação humana e não explicar a realidade mesma.

O uso da expressão “ao niilismo” na citação anterior circunscreve, portanto, o aspecto do niilismo abordado por Nietzsche na anotação em questão: trata-se do niilismo da “morte de Deus”, da derrocada moderna do processo que leva à atribuição de um sentido moral à existência. Deve-se ressaltar, contudo, que tal atribuição dos valores “bom” e “mau” aos processos, humanos e não humanos, procedimento associado à prática da “verdade”, também é fruto de um processo niilista, mais remoto, que é o da percepção da completa falta de valor da vida e da absurdidade da existência⁹.

O processo de dissolução que constitui o niilismo moderno surge, conforme afirmação de Nietzsche no fim da citação anterior, do antagonismo entre “não estimar o que conhecemos” e “não poder mais estimar”. A pergunta que se deve fazer é se resta algo para a “verdade”, nesse

⁸ Sobre o conceito de “autossupressão” (*Selbstaufhebung*) na obra de Nietzsche, cf. ZITTEL (1992). Para uma crítica da interpretação de Zittel, mas especialmente para uma discussão sobre o papel desempenhado pela veracidade no processo de autossupressão da moral, cf. GIACOIA Jr. (2013).

⁹ Trata-se do niilismo entendido como fruto da decadência, de um processo de desagregação dos instintos, cuja lógica, o niilismo, caracteriza a história ocidental desde Sócrates (cf. MÜLLER-LAUTER, 1999; e 2009, Cap. 3).

contexto de ceticismo (ou pessimismo) e antirrealismo¹⁰. Deve-se destacar, ainda a esse respeito, que o niilismo moderno atesta a necessidade humana do não verdadeiro, por meio de cujo valor parecemos suportar viver: o filósofo reafirma, com essas reflexões, a necessidade humana de “sentido”, mesmo que claramente esteja indicando a derrocada do único sentido até então conhecido pela cultura ocidental, cuja mais refinada expressão fora a “verdade”.

O estatuto da verdade é, portanto, radicalmente alterado na cultura ocidental com a derrocada das grandes narrativas metafísicas sobre a existência. Nietzsche não parece defender, entretanto, que se trate de um abandono da verdade, mas sobretudo da perda da universalidade de seu valor moral, uma vez que ela fora tradicionalmente associada ao que é “bom” e àquilo que garante um fundamento para a existência. O próprio autor indica, na citação acima, que a libertação da “longa e encarnada mentira” da consideração moral de mundo é conquistada pelo desenvolvimento da paixão do conhecimento, para usar uma expressão importante da filosofia nietzschiana, a qual segue atuando como um estimulante, mesmo após descortinados os fundamentos da moral. Caber-nos-ia questionar em que medida essa paixão do conhecimento ainda sustenta as novas possibilidades de se pensar a verdade, a fim de circunscrever em que medida a crise da verdade implica em uma crise do sentido, em geral¹¹.

Tendo como pano de fundo os diferentes aspectos que o niilismo comporta na obra de Nietzsche¹², mas com destaque ao niilismo contemporâneo, gostaria de discutir alguns de seus

¹⁰ Esses são, segundo Bernard Reginster (2006, cf. esp. Cap. 1), os dois sentidos fundamentais do niilismo na obra de Nietzsche: desespero (nossos objetivos não são realizáveis) e desorientação (nossos objetivos não têm valor). Na grande maioria das vezes associado por Nietzsche ao pessimismo filosófico, o primeiro sentido, uma reivindicação ética que diz respeito ao mundo e à nossa existência nele, surge como uma reação ao ceticismo. O segundo, uma reivindicação metaética que diz respeito aos nossos valores, é uma reação ao antirrealismo.

¹¹ Como se pode inferir, esse é um problema bastante complexo, cuja discussão detalhada exigiria novos artigos. A atribuição de sentido é, a meu ver, um fenômeno muito mais amplo e multifacetado do que o da atribuição de verdade. Essa parece ser, inclusive, uma distinção fundamental nos pensamentos de Nietzsche e Freud. De acordo com o segundo, para ficarmos com um único exemplo, os conhecidos “mecanismos de defesa”, base da descrição psicanalítica da formação da subjetividade humana, seriam formas encontradas pelo indivíduo de lidar com os traumas e, por isso, de lhes atribuir um “sentido”, o qual nada tem a ver com o valor – epistemológico e moral – da “verdade”, tal como conhecido pela tradição filosófica ocidental. O ponto central, destacado reiteradamente na obra de Nietzsche e também no presente artigo, é o de que a verdade não é mais o único critério, a partir do qual se pode atribuir sentido aos fenômenos, como quis a tradição filosófica metafísica.

¹² Conforme destacado e discutido por uma série de intérpretes (cf. esp. KUHN, 1992), o próprio Nietzsche discute pelo menos três formas de manifestação do niilismo na cultura ocidental: incompleto, completo (donde surge a distinção entre niilismo passivo e ativo) e radical ou extremo. Dentre as pesquisas mais recentes sobre o tema na obra de Nietzsche, Paul van Tongeren (2018) propõe uma distinção entre três formas de manifestação do niilismo, as quais corresponderiam a três estágios da história de seu desenvolvimento. Invertendo a ordem cronológica de seu aparecimento, constata-se: 3) a corrosão da 2) estrutura protetora que foi construída para ocultar 1) a absurdidade da vida e do mundo. O “pessimismo grego” corresponde, para Nietzsche, ao niilismo “1”, percebido já nos gregos da época “trágica”, e é considerado por Tongeren como a base do conceito nietzschiano de niilismo. A história da cultura europeia a partir de Platão, a história do “mundo ideal”, representa o niilismo “2”. Por fim, o niilismo “3” configura a catástrofe vivenciada pelos contemporâneos de Nietzsche, fenômeno por ele denominado “morte de Deus”, a partir do qual o filósofo propõe as célebres distinções anteriormente mencionadas entre niilismo completo, incompleto e radical ou extremo. Há, contudo, de acordo com Tongeren, a possibilidade de se pensar um niilismo “4”, o niilismo do próprio Nietzsche ou o niilismo que ele prevê para sua própria era. Apelando para

possíveis desdobramentos na atualidade, especificamente no contexto brasileiro da pandemia de Covid-19, e em especial no discurso do Presidente Jair Bolsonaro a esse respeito, em diálogo com a hipótese levantada anteriormente sobre a hipertrofia de um dos aspectos da “negação” em nossa cultura.

3. O negacionismo no discurso de Jair Bolsonaro

O célebre diagnóstico de Nietzsche, segundo o qual nos dois próximos séculos seriam vivenciados os reflexos do niilismo, parece bastante plausível sob uma série de pontos de vista, dentre eles especialmente o das *fake news*, cujas implicações ético-políticas são, conforme indicado anteriormente, tão variadas quão perigosas. Parece-me que a atualmente denominada era da “pós-verdade”, solo bastante propício à disseminação de *fake news*, é um dos mais importantes reflexos do niilismo na cultura contemporânea¹³. O mais relevante para os meus propósitos iniciais é, contudo, analisar em que medida esse contexto contribui para a emergência e, em certo sentido, legitimação de discursos marcadamente negacionistas, como o do presidente Jair Bolsonaro, no enfrentamento da pandemia de Covid-19.

Tomarei como modelo do discurso bolsonarista o pronunciamento feito pelo presidente em rede nacional no dia 24 de Março de 2020, ou seja, poucos dias após as primeiras

noções como a de “honestidade”, Nietzsche repete a estrutura idealista por ele mesmo criticada no niilismo “2”, porém com um intuito bastante claro: o de compreender e demonstrar o processo de dissolução (*Auflösungsprozeß*) que viria a caracterizar os dois séculos seguintes, nos quais a humanidade ou permaneceria vinculada ao desejo por aquilo em que não pode mais acreditar, ou nada mais poderia fazer a não ser criticar os ideais de que ela necessita para viver – trata-se a meu ver, da distinção anterior proposta por Reginster entre desespero e desorientação. Diante do nada esperançoso cenário dessa última forma de niilismo, sustenta Tongeren, resta a Nietzsche – e provavelmente também a nós – fazer apenas experimentos, tais como “Nietzsche contra Wagner” ou “Dionísio contra o crucificado”.

¹³ Rainer Greifender (et al., 2021) mapeia o surgimento do termo “pós-verdade” (*post-truth*) no contexto do Brexit e da campanha presidencial dos Estados Unidos da América de 2016. Segundo o Dicionário Oxford, a pós-verdade, expressão de 2016, pode ser definida em termos gerais como o tipo de conhecimento em que os fatos objetivos são menos decisivos na formação da opinião pública do que o apelo à emoção e à crença pessoal. Já o Dicionário Collins define as *fake news* como a palavra ou expressão de 2017, registrando um aumento de 365 % de seu uso no corpus Collins da língua inglesa. O que distingue as *fake news* das notícias que são meramente falsas é fundamentalmente a intenção de enganar. No intuito de precisar melhor o escopo das *fake news*, Greifender (et al.) segue a diferenciação, proposta pelo Conselho da Europa, entre desinformação (*disinformation*), má-informação (*misinformation*) e informação maldosa (*mal-information*). Imediatamente relacionada às *fake news*, a primeira é um tipo de informação falsa que tem por meta prejudicar uma pessoa, um grupo social, uma organização ou um país. A segunda, por sua vez, é uma informação falsa, cujo intuito não é, porém, enganar. Já a terceira é uma informação verdadeira, mas que nada tem a ver com questões públicas. A divulgação desse tipo de informação privada pode causar sérios danos não apenas às pessoas em questão, mas a governos etc. No centro do problema está, naturalmente, a aceitação de uma informação falsa como verdadeira e seu compartilhamento com outras pessoas, pois, uma vez aceita, torna-se muito difícil que um indivíduo corrija tal tipo de informação, a qual segue influenciando suas crenças, mesmo quando ela não é mais endossada por tal indivíduo (cf. GREIFENDER [et al.], 2021, pp. xii-2).

mortes por Covid-19 no Brasil. Nele já pode ser percebido o essencial do que até os nossos dias vem pautando o seu discurso sobre a pandemia:

§1 Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, em uma operação coordenada pelos ministérios da Defesa e das Relações Exteriores, surgiu para nós um sinal amarelo. Começamos a nos preparar para enfrentar o Coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil.

§2 Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os Secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de combate ao vírus fosse construído e, desde então, o Dr. Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas. Mas o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria. E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.

§3 Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país.

§4 Contudo, percebe-se que, de ontem para hoje, parte da imprensa mudou seu editorial. Pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom. Parabéns, imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleça (*sic*) entre nós.

§5 O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos.

§6 O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. Noventa por cento de nós não teremos (*sic*) qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós. Respeitando as orientações do Ministério da Saúde.

§7 No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

§8 Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA [“Food and Drug Administration”, “Administração de Alimentos e Medicamentos”, W.A.P.] americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil e largamente utilizado no combate à malária, lúpus e artrite.

§9 Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura desta doença.

§10 Aproveito para render as minhas homenagens a todos os profissionais de saúde. Médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores que, na linha de frente nos recebem nos hospitais, nos tratam e nos confortam. Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o início, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo neste novo Brasil, que tem tudo, sim, para ser uma grande Nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos, Deus abençoe nossa pátria querida¹⁴.

¹⁴ ‘GRIPEZINHA’: leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19. **Uol**, São Paulo, 24 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-Presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>>. Acesso em 14 de abr. de 2021. Transcrição com várias correções,

O Presidente inicia a sua fala (§1) com, no mínimo, uma imprecisão ou omissão importante: o fato de que, a princípio, havia se negado a buscar seus conterrâneos no então epicentro da pandemia, a cidade de Wuhan, na China¹⁵. Na sequência (§2), indica algumas daquelas que viriam a se tornar suas mais recorrentes estratégias discursivas no enfrentamento da pandemia, com destaque para a negação do potencial de letalidade da Covid-19, ao caracterizar a pandemia como uma espécie de doença psíquica coletiva, por ele denominada de “pânico” e “histeria”. Esse foi, e surpreendentemente continua sendo, mesmo após 608.235¹⁶ mortes por Covid-19 no Brasil, um dos “carros-chefes” de seu discurso: a pandemia é, conforme sua definição particular de “histeria”, uma espécie de desordem psíquica coletiva estimulada por parte da sociedade, em especial pela mídia tradicional, desordem que causa a perda de capacidade de percepção da realidade e torna os humanos reféns da “fantasia”¹⁷.

A próxima estratégia (§3) consiste em criar um ambiente de perseguição por parte dos meios de comunicação, os principais responsáveis por difundirem a suposta histeria coletiva, no intuito de prejudicar o seu governo. Sob esse ponto de vista, os próprios meios de comunicação tradicionais estariam difundindo *fake news*, a fim de deturpar a verdade que apenas o seu discurso é capaz de comunicar. Segundo esse discurso (§4), a própria imprensa teria reconhecido o seu erro, ao alterar seus editoriais, pedindo calma e tranquilidade aos(as) brasileiros(as). De maneira correlata, o Presidente busca minimizar os possíveis efeitos da

sobretudo de pontuação, a partir da comparação com o vídeo do pronunciamento, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=V1_DYb-XaAE>. O intuito da numeração em parágrafos é apenas facilitar a análise do pronunciamento. Todas as menções a falas do Presidente, nas notas de rodapé subsequentes, foram retiradas de jornais de ampla divulgação, cujas referências estão integralmente listadas na Bibliografia, a fim de diminuir a extensão das notas.

¹⁵ BOLSONARO diz que não traz brasileiros da China porque ‘custa caro’ e não há lei de quarentena. **G1**, Brasília, 31 de jan. de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/31/bolsonaro-reune-ministros-para-avaliar-risco-do-coronavirus-e-situacao-de-brasileiros-na-china.ghtml>>. Acesso em 13 de abr. de 2021.

¹⁶ Número referente ao dia do envio do presente texto para publicação.

¹⁷ “Muito do que falam é fantasia, isso não é crise” (10/03/2020). “Não podemos entrar em uma neurose como se fosse o fim do mundo” (15/03/2020). “Esse vírus trouxe uma certa histeria” (17/03/2020). “O que está errado é a histeria, como se fosse o fim do mundo. Uma nação como o Brasil só estará livre quando certo número de pessoas for infectado e criar anticorpos” (17/03/2020). “O pânico é uma doença e isso foi massificado quase que no mundo todo e no Brasil não foi diferente” (26/03/2020). “O povo foi enganado esse tempo todo sobre o vírus” (26/03/2020). “Eu estou impaciente, mas vou seguir os protocolos. O cuidado mais importante é com seus entes queridos, os mais idosos. Os outros também, mas não precisa entrar em pânico. A vida continua” (07/07/2021).

pandemia no Brasil¹⁸, fazendo uma comparação com o número de idosos e com o clima da Itália, até então um dos países mais atingidos pela doença¹⁹.

Outra importante estratégia do discurso negacionista consiste em, nesta ocasião vinculando a minimização dos efeitos da Covid-19 ao seu suposto histórico de atleta (§7), apresentar soluções sem qualquer respaldo científico (§8), neste caso ele se refere especificamente à Cloroquina, e que mais tarde inclusive vieram a ser comprovadamente prejudiciais como tratamento precoce da doença²⁰.

O intuito de promover soluções simplistas, pautadas não na pesquisa empírica da realidade, é o de não ser responsabilizado pelas possíveis consequências da pandemia²¹. Não por acaso, o Presidente termina o seu pronunciamento (§9 e §10) mencionando de maneira muito genérica o papel de cientistas, pesquisadores e profissionais de saúde da linha de frente, mas sobretudo reafirmando, tal como fez largamente em sua campanha presidencial, a base de sua esperança na construção de um “novo Brasil”: Deus.

Cumprir destacar, por fim, aquela que viria se tornar a mais notável das estratégias de negacionismo bolsonarista, presente no meio do pronunciamento (§5 e §6): minimizando o

¹⁸ “Tem a questão do Coronavírus também que, no meu entender, está superdimensionado, o poder destruidor desse vírus” (09/03/2020). “Eu não sou médico, não sou infectologista. O que eu ouvi até o momento [é que] outras gripes mataram mais do que esta” (11/03/2020). “Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá ok?” (20/03/2020). “O número de pessoas que morreram de H1N1 é na ordem de 800 pessoas. A previsão é não chegar a essa quantidade de óbitos no tocante ao Coronavírus” (22/03/2020). “Quarenta dias depois, parece que está começando a ir embora essa questão do vírus” (12/04/2020). “Estou cometendo um crime. Vou fazer um churrasco no sábado aqui em casa. Vamos bater um papo, quem sabe uma ‘peladinha’” (07/05/2020).

¹⁹ “A população da Europa é mais velha do que a nossa. Então mais gente vai ser atingida pelo vírus do que nós” (17/03/2020).

²⁰ São vários os exemplos dessa ordem, e não apenas relacionados à defesa de medicamentos como a Cloroquina, Hidroxicloroquina, Ivermectina e Azitromicina, mas há também várias ocasiões em que a “imunização de rebanho”, e, no extremo, a religião, são apontadas como soluções cabíveis para o problema da pandemia. Em relação a medicamentos: “Há 40 dias venho falando do uso da Hidroxicloroquina no tratamento do covid-19. Cada vez mais o uso da cloroquina se apresenta como algo eficaz” (08/04/2020). “Toma quem quiser, quem não quiser, não toma. Quem é de direita toma cloroquina. Quem é de esquerda toma Tubaína” (19/05/2020). “Muitos gestores e profissionais de saúde fizeram de tudo pelas vidas do próximo, diferentemente daquela grande rede de TV que só espalhou o pânico na população e a discórdia entre os Poderes. No mais, essa mesma rede de TV desdenhou, debochou e desestimulou o uso da Hidroxicloroquina, que, mesmo não tendo ainda comprovação científica, salvou a minha vida e, como relatos, a de milhares de brasileiros” (09/08/2020). Em relação à imunidade de rebanho: “O que está errado é a histeria, como se fosse o fim do mundo. Uma nação como o Brasil só estará livre quando certo número de pessoas for infectado e criar anticorpos” (17/03/2020). “O brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto (...) e não acontece nada com ele. Eu acho até que muita gente já foi infectada no Brasil, há poucas semanas ou meses, e ele já tem anticorpos que ajudam a não proliferar isso daí” (26/03/2020). Em relação à religião: “Sou católico, e minha esposa, evangélica. É um pedido dessas pessoas. Estou pedindo um dia de jejum para quem tem fé. Então, a gente vai, brevemente, com os pastores, padres e religiosos, anunciar. Pedir um dia de jejum para todo o povo brasileiro, em nome, obviamente, de que o Brasil fique livre desse mal o mais rápido possível” (02/04/2020).

²¹ “Eu não sou covreiro, tá certo?” (20/04/2020). “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (28/04/2020). “(...) lembro à Nação que, por decisão do STF, as ações de combate à pandemia (fechamento do comércio e quarentena, p.ex.) ficaram sob total responsabilidade dos Governadores e dos Prefeitos” (08/06/2020). “Cobre do seu governador” (10/06/2020).

possível tempo de perduração da pandemia, e repetindo o argumento de que a letalidade do vírus atingiria quase exclusivamente pessoas idosas, o presidente apresenta como única saída possível que a vida – entenda-se, a economia – seguisse normalmente, negando a eficácia das medidas restritivas de contato humano. Sob esse ponto de vista, conclui-se que a pior das catástrofes não seria aquela causada pelo vírus: uma catástrofe econômica teria, segundo a narrativa de seu pronunciamento, um potencial de letalidade infinitamente maior do que a pandemia de Covid-19. É como se estivéssemos diante de uma escolha entre “A” ou “B”, entre saúde ou economia: ou se morre de Covid-19 ou se morre de fome, em função de um suposto colapso econômico. De garantido parecia haver apenas o fato de que se teria de lidar com a morte, humana ou de CNPJs²². A disjunção entre vida e economia, por mais absurda que possa parecer, ganhou ampla adesão na sociedade, se configurando como um dos aspectos mais marcantes do negacionismo bolsonarista²³. Ao critério econômico deve-se adicionar outro importante aliado: o discurso sobre a defesa da liberdade. Ainda mais grave do que perder a própria vida seria, sob esse ponto de vista, o indivíduo perder sua liberdade pessoal – como se o valor da liberdade fosse absoluto a ponto de superar o da própria vida²⁴. A priorização da defesa da economia e da liberdade individual tem como contrapartida imediata a banalização da vida e da morte²⁵, a qual chegou ao extremo com um tema ainda não presente no pronunciamento de março de 2020, mas que ganhou destaque nos desdobramentos do enfrentamento da pandemia: a recusa sistemática da aquisição de vacinas²⁶.

²² “Haverá mortes de CNPJs”, afirma o empresário Pedro Almeida em reunião com Jair Bolsonaro e o então presidente do STF, Dias Toffoli (07/05/2020).

²³ “Se a economia afundar, afunda o Brasil. E qual o interesse dessas lideranças políticas? Se acabar a economia, acaba qualquer governo. Acaba o meu governo. É uma luta de poder” (16/03/2020). “Tem locais, alguns países que já tem saques acontecendo. Isso pode vir para o Brasil. Pode ter um aproveitamento político em cima disso” (17/03/2020). “Vocês não pararam durante a pandemia. Vocês não entraram na conversinha mole de ‘fica em casa’. Isso é para os fracos” (18/09/2020). “O Brasil está quebrado. Eu não consigo fazer nada” (05/01/2021).

²⁴ “NINGUÉM vai tolher meu direito de ir e vir”, diz Bolsonaro em passeio. **R7**, Brasil, 10 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/ninguem-vai-tolher-meu-direito-de-ir-e-vir-diz-bolsonaro-em-passeio-10042020>>. Acesso em 14 de abr. de 2021.

²⁵ “Alguns vão morrer? Não, ué, lamento. É a vida. Você não pode parar uma fábrica de automóveis porque há mortes nas estradas todos os anos” (27/03/2020). “Essa é uma realidade, o vírus tá aí. Vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, porra. Não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Tomos nós iremos morrer um dia” (29/03/2020). “Lamento a situação que nós atravessamos com o vírus. Nos solidarizamos com as famílias que perderam seus entes queridos, que a grande parte eram pessoas idosas. Mas é a vida. Amanhã vou eu” (28/04/2020). “A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo” (02/06/2020). “Muita gente tem morrido em casa, não vai ao hospital porque tem medo de pegar o vírus. O pânico também mata. O que eu posso falar para todo mundo, eu já dizia no passado e era criticado, esse vírus é como uma chuva, vai atingir você” (07/07/2020). “Infelizmente, acho que quase todos vocês vão pegar um dia. Tem medo do quê? Enfrenta!” (31/07/2020). “Chega de frescura, de mimimi” (05/03/2021).

²⁶ “Da China nós não comparamos. É decisão minha. Eu não acredito que ela transmite segurança suficiente para a população pela sua origem. Esse é o pensamento nosso” (22/10/2020). “Vacina obrigatória só aqui no Faísca” (24/10/2020). “Morte, invalidez, anomalia. Esta é a vacina que o Dória queria obrigar a todos os paulistanos tomá-la. O Presidente disse que a vacina jamais poderia ser obrigatória. Mais uma que Jair Bolsonaro ganha” (10/11/2020). “Eu não posso falar como cidadão uma coisa e como Presidente outra. Mas como eu nunca fugi da

4. O negacionismo como reflexo do niilismo contemporâneo, e suas consequências

O fato de que esse pronunciamento, a despeito do espanto com que foi recebido e da revolta que causou em boa parte da população, sendo repudiado até mesmo por expoentes da mídia tradicional, tenha encontrado e continue encontrando considerável número de adeptos já é um forte indício dos tempos em que vivemos. E é exatamente esse o aspecto que busco priorizar em minha análise: não parece exagerado afirmar que o sucesso do discurso bolsonarista está em grande medida garantido pelos efeitos, vivenciados em nossa cultura, da crise da verdade. E o fato de que boa parte de suas investidas seja no modelo de “tentativa e erro”, ao lançar aleatoriamente falas sem um critério de coerência lógica muito claro, apenas reforça essa tese: há espaço para tantas concepções de “verdade” quantas forem possíveis, o que lhe permite, inclusive, radicalizar o seu discurso – o que me leva a crer que, consciente ou inconscientemente, o presidente lança mão dos efeitos da crise do sentido a que me refiro.

Se o pronunciamento acima for analisado à luz das falas que se seguiram desde então, perceber-se-á que o negacionismo do presidente flutua entre falas e posicionamentos entre si contraditórios, pois varia, sobretudo, entre uma minimização ou até mesmo negação do potencial de letalidade da Covid-19 e a não responsabilização pelo grande número de mortes causada pela pandemia. Por um lado, seu discurso minimiza e nega a letalidade da doença, atribuindo à mídia uma narrativa superdimensionada do fato, cujo principal objetivo seria, por meio da disseminação de pânico e histeria coletiva, perseguir o seu governo. Ainda no intuito de mitigar o potencial da Covid-19, são propostas uma série de soluções sem qualquer comprovação científica. Por outro lado, exime-se de qualquer responsabilidade pelos efeitos causados pela pandemia, e atribui papel preponderante a Deus na construção do que denomina de “novo Brasil”, direta ou indiretamente relegando a segundo plano a ciência “tradicional”. A disjunção de vida e economia é o coroamento do discurso bolsonarista, cuja radicalização se expressa, em favor da segunda, na defesa da liberdade a qualquer custo e na sistemática campanha contra a vacinação.

verdade, eu te digo: eu não vou tomar vacina. E ponto final. Se alguém acha que a minha vida está em risco, o problema é meu. E ponto final” (15/12/2020). “Na Pfizer, está bem claro no contrato: ‘nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral’. Se você virar um jacaré, é problema de você. Não vou falar outro bicho aqui para não falar besteira. Se você virar o super-homem, se nascer barba em alguma mulher aí ou um homem começar a falar fino, eles não têm nada a ver com isso” (17/12/2020). “A pandemia realmente está chegando ao fim. Os números têm mostrado isso aí. Estamos com uma pequena ascensão agora, o que se chama de pequeno repique; pode acontecer. Mas a pressa para a vacina não se justifica, porque você mexe com a vida das pessoas” (19/12/2020). “Não está comprovada cientificamente” (22/01/2021).

Perceba-se, entretanto, que algo essencial escapa ao discurso bolsonarista: a partir do momento em que o negacionismo de suas falas se desloca da mitigação do potencial da pandemia para a não responsabilização do Governo Federal pelos seus impactos, o próprio presidente assume não apenas o perigo representado pela Covid-19, mas sobretudo o negacionismo como um projeto de governo, cujas ações fornecem razões suficientes para se concluir que está em curso um plano deliberado de extermínio de parte da população, em que a vida compõe a dinâmica da economia, e não o contrário. O Brasil democrático terá de lidar, possivelmente pela primeira vez em sua história, com um discurso que busca explicitamente legitimar a desigualdade de valores que espelha sua desigualdade social: há vidas que importam bem mais do que outras²⁷.

A minha hipótese é a de que o negacionismo, e em especial o negacionismo do discurso bolsonarista no enfrentamento da pandemia de Covid-19, reflete uma das principais maneiras com que se reage contemporaneamente ao desafio colocado pelo que Nietzsche denominou de niilismo: trata-se não apenas da percepção da falta de sentido da existência, algo que, ocorrido já nos gregos, perdura até nossos dias, mas também das tentativas de criação de sentido para a mesma ao longo da história ocidental e, sobretudo, da corrosão desse sentido na modernidade, consubstanciado especialmente no fenômeno da crise da verdade.

A pós-verdade manifesta-se, em especial o uso de *fake news*, no discurso bolsonarista como uma estratégia de atribuição de sentido aos fenômenos típica de nossa época. Perceba-se, portanto, que o niilismo não se manifesta no negacionismo bolsonarista como a impossibilidade geral de atribuição de sentido, mas como uma maneira de fazê-la por meio do que eu denominaria de flutuação de sentidos. O negacionismo é, sob esse ponto de vista, uma forma de mitigar a própria crise de sentido que vivenciamos contemporaneamente, por meio de duas estratégias: i) desqualificação de instituições culturais fundamentais da humanidade, cujo paradigma é certamente a ciência, as quais, em função dessa mesma crise de sentido, vêm reconhecendo suas próprias limitações na possibilidade de acesso aos fatos ou à “verdade”; ii) atribuição de sentido aos fenômenos a partir de uma concepção relativista da verdade, de tal modo que esta varia de acordo com o discurso daquele que a profere.

²⁷ Em pesquisa publicada pela Revista *Science* e pela ONG Médicos Sem Fronteiras, uma série de pesquisadores(as) demonstra que a gestão de Bolsonaro da pandemia, a qual envolve uma “perigosa combinação de inação e negligências”, foi a principal responsável pela rápida disseminação da pandemia em solo brasileiro. Cf. CASTRO, Marcia C. et. all. Spatiotemporal pattern of COVID-19 spread in Brazil. *Science*, Washington, D.C., United States of America, 14 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://science.sciencemag.org/content/early/2021/04/13/science.abh1558>>. Acesso em 19 de abr. de 2021.

Por isso a política ocupa o centro das reflexões sobre a pós-verdade: a crise da verdade reflete-se na possibilidade cada vez menor de diálogo, o que parece ser um dos principais objetivos de discursos negacionistas: apresenta-se, sob a forma de uma interpretação bastante simples e facilmente aceitável por parte dos indivíduos, a qual se torna a única verdade possível no imaginário da população²⁸. Sabe-se que esse procedimento é letal para democracias. Daí o perigo desse tipo de relativismo que vivenciamos atualmente, potencializado pelo modo com que a internet, em especial as redes sociais, vem criando infinitas “realidades individuais”.

Tal relativismo, entretanto, longe de refletir as importantes discussões nietzschianas sobre o perspectivismo, são antes as “sombras” do acontecimento que o filósofo alemão denominou de “morte de Deus”, o qual demarca a entrada da cultura ocidental no niilismo contemporâneo. Trata-se da tentativa de atribuição de sentido à realidade após a perda da referência fundamental da história do Ocidente, mas também da percepção de que a sua principal candidata a substituta, a ciência, não seria capaz de desempenhar tal função. É importante destacar que o fenômeno das sombras de Deus, descrito em *A gaia ciência* como supostamente inofensivo e sem maior importância, se manifesta em nossa realidade como um grande perigo para a humanidade, pois sabemos que o negacionismo, por si só um dos mais temerosos reflexos do niilismo contemporâneo, é alimentado por outra importante “sombra” da morte de Deus: a ascensão dos discursos religiosos extremistas, os quais se fazem cada vez mais presentes na cena brasileira por meio de políticos representantes de igrejas neopentecostais. Ainda que o niilismo seja “uma ameaça que ninguém parece temer” (TONGEREN, 2018, p. 131), não parece que o melhor caminho seja, portanto, o de menosprezar o perigo dos representantes reais das sombras de Deus.

Pode-se extrair importantes implicações da “morte de Deus” no contexto da “crise do sentido” contemporânea, tal como presente no negacionismo. Recordemos que o niilismo contemporâneo tem como pressupostos as derrocadas i) do fundamento metafísico da verdade, cujo principal intuito é, por meio da universalidade das metanarrativas sobre a realidade e a vida, ser o único meio de interpretação possível; ii) do fundamento moral da verdade, a qual não é universalmente e em si mesma “boa”, pois o seu escopo está circunscrito a determinados contextos dinâmicos de forças. Há, portanto, uma “plurificação” da verdade em verdades, o que implica, do ponto de vista sócio-político, uma grande diversificação dos referenciais culturais

²⁸ Caberia discutir em que medida o imaginário brasileiro atual é povoado pela concepção de que tal simplicidade de interpretação comporta maior honestidade: mesmo o maior dos absurdos – no sentido de um discurso bastante deslocado da realidade factual – é permitido, contanto que o agente que o profere seja honesto com seu ponto de vista pessoal.

humanos. A estratégia amplamente empregada por discursos negacionistas como o do presidente é a de apropriação desse contexto de plurificação e diversificação de forças, a fim de, lançando mão de um jogo superficial com tais verdades, impor um único referencial cultural por meio de seu projeto político, anulando todos os demais. A principal consequência dessa que poderia ser denominada apropriação indébita do perspectivismo nietzschiano pelo discurso da pós-verdade é, do ponto de vista político, a perda da autonomia e da liberdade do indivíduo²⁹ – ao contrário, deve-se destacar, do que sugere o próprio discurso bolsonarista. Há boas razões, portanto, para classificar a flutuação de sentidos do relativismo negacionista como irresponsável e até mesmo criminosa, se, conforme vem sendo discutido, forem levados em conta critérios epistemológicos, morais e político-sociais.

5. “Chega de mimimi”!

Sugriu-se anteriormente que a adesão às *fake news* ocorre pela identificação de parte considerável dos indivíduos com um tipo de discurso simplista e relativista, o qual corresponde a uma interpretação da realidade por meio da flutuação de sentidos, cujo critério de verdade é decidido exclusivamente pelo ponto de vista daquele com quem se identifica, em função de sua suposta honestidade³⁰. O objetivo da flutuação de sentidos é, portanto, a promoção de uma verdade única. Por outro lado, não se pode deixar de levar em conta que também faz parte da estratégia do discurso negacionista a acusação de uso de *fake news*, especialmente pela mídia tradicional. Essas duas estratégias, a promoção de uma verdade única e a acusação do uso de *fake news*, parecem estar amparadas na tendência psicológica humana a aderir a estruturas de explicação da realidade bastante simples e adaptáveis aos próprios desejos.

Uma série de pesquisadores demonstrou que, psicologicamente, a acusação do uso de *fake news* surge da necessidade de uma “estrutura não específica”, a qual “permite que os indivíduos preservem uma interpretação da realidade estruturada (mas desonesta)” (AXT [et al.], 2021, p. 221)³¹. A acusação de que as *fake news* são fruto de um engano intencional é

²⁹ Para uma discussão sobre o papel do “instinto de liberdade” na constituição do “imoralismo” nietzschiano, tendo como pano de fundo o caráter agonístico – e, se quisermos, democrático – da pluralidade de forças que forma nossos julgamentos morais e a própria cultura: cf. MEDRADO, 2021, esp. pp. 152-153.

³⁰ Honestidade significa, nesse contexto, dar vazão discursiva a sentimentos e pensamentos sem grande preocupação com crivos morais. Dito de modo mais prosaico: falar o que vem à cabeça e o que muitos gostariam, mas não tem coragem.

³¹ Para tanto, descrevem dois experimentos em que, basicamente, mesmo quando determinados pontos de vista eram claramente defendidos em notícias, os grupos de indivíduos com posição semelhante as reconheciam como *fake news*, acusando-as de defender precisamente a posição contrária. Essa tendência é um dos principais reflexos da desconfiança generalizada nos meios de comunicação tradicionais, a qual explica, em grande medida, a polarização no discurso político: “uma vez que as pessoas veem a mídia com desconfiança, elas devem confrontá-

fundamental para a manutenção de tal realidade estruturada. Caso fossem fruto de um erro honesto, abrir-se-ia espaço para a concepção de que a realidade social é aleatória e desordenada. A pesquisa demonstra que a elevada “Necessidade Pessoal de Estrutura” (NPE)³² corresponde a uma tentativa de compensar o reduzido sentimento de controle pessoal de determinados indivíduos³³. Além disso, sustenta que a elevada NPE não é fruto de uma mera preferência pessoal, mas que funciona como uma fonte fundamental de atribuição de sentido à vida:

Desta perspectiva, a NPE não é simplesmente um estilo cognitivo ou uma tendência imparcial de pensar de maneira simples e definida. Ao invés disso, ela descreve diferenças individuais a respeito de quanta estrutura as pessoas desejam no mundo. Essa perspectiva motivacional conduz a uma hipótese verificável: quando indivíduos com elevada NPE encontram situações que ameaçam a estrutura – tais como complexidade, inconsistência ou ambiguidade – eles irão reagir com esforços cognitivos exagerados para restabelecer a estrutura. Não esperaríamos essa reação compensatória a ameaças à estrutura se a NPE fosse um estilo cognitivo “frio” e não motivado (*Idem*, p. 225).

Se quanto menor o controle pessoal maior a NPE, concluem os autores, as possíveis saídas para o problema das *fake news* são a restituição, o fortalecimento ou mesmo a construção de um maior sentimento de controle pessoal.

O grande problema é, a meu ver, que esse sentimento de controle pessoal não será conquistado por meio da (r)evocação de estruturas metafísicas, que buscam atribuir um sentido ao todo da existência. Alguns dos fenômenos que vivenciamos contemporaneamente, sobretudo a combinação entre negacionismo e radicalismo religioso, nada mais indicam, em termos nietzschianos, que a tentativa de encontrar uma “estrutura” para a existência nas “sombras” da morte de Deus. Caso tais sombras configurassem um fundamento ontológico e moral para a existência, como as tradicionais estruturas metafísicas de outrora, não haveria razões suficientes para tratarmos a nossa época como uma época de crise. Mas, para além de efetivamente não provirem a existência de sentido, as sombras contemporâneas da morte de Deus podem ser, conforme discutido, bastante nocivas para a humanidade – o que, por si só, justifica a urgência de seu enfrentamento.

O negacionismo é a expressão decadente do pensamento segundo o qual, se não existe mais verdade, “tudo é permitido”, conforme célebre expressão – da sombra – de Zaratustra. Não o enfrentar é se resignar diante da conclusão de que o desespero implica necessariamente

la como sendo fundamentalmente um meio de apoio a ideologias existentes, mais do que como um método de alcançar percepções acuradas do mundo” (cf. AXL [et al.], 2021, pp. 221-222).

³² *Personal Need for Structure*, PNS, na sigla em inglês.

³³ “Em ambos estudos [discutidos anteriormente no texto, W.A.P], indivíduos que experienciam sentimentos de controle pessoal mais reduzidos tentaram restabelecer tal controle promovendo visões de mundo que fossem simultaneamente mais previsíveis” (AXL [et al.], 2021, p. 224).

em desorientação. É adotar, em alguma medida, o “foda-se a vida”³⁴, curiosamente típico do hedonismo contemporâneo. O processo histórico que vivenciamos não parece, entretanto, estar a tal ponto determinado, pois a crise do sentido não implica na completa impossibilidade da atribuição mesma de sentido, mas na radical alteração de das estruturas que lhe servem de fundamento. O avassalador impacto da perda de autoridade de quem detinha o poder da palavra, do discurso, nos obriga a pensar novas formas de atribuição de sentido aos fenômenos que vivenciamos, porém de acordo com contextos bem mais restritos do que outrora, quando a figura de Deus (na religião e na metafísica) ou a do próprio homem (na ciência e no humanismo, em geral) exerciam essa função.

Nietzsche já havia indicado que o niilismo é uma doença crônica, o que nos autoriza, e em certa medida nos obriga, a reconhecer o negacionismo como uma de suas principais manifestações culturais no início do século XXI. O fato de não haver cura não implica, contudo, que não haja formas de tratamento do negacionismo³⁵. É bastante plausível que o primeiro passo para o enfrentamento do negacionismo seja, portanto, reconhecer sua realidade, amplitude e legitimidade – enquanto discurso que representa um dos imaginários que marcam a contemporaneidade brasileira. O discurso negacionista parece cada vez mais estabelecido, com considerável número de adeptos, e dificilmente cairá no ostracismo com o passar do tempo. Pelo contrário. Tudo indica que reivindicará seu espaço na escrita da história de nossa época, o que dificulta consideravelmente a tarefa de pensar alternativas a esse cenário³⁶.

Considerando o negacionismo um herdeiro direto da crise do discurso científico, como o niilismo de nossa época, será necessário repensar as formas de comunicação entre a população e as autoridades intelectuais, de modo que não haja um fosso entre o imaginário popular e o discurso da ciência, tão marcadamente classista, sobretudo em uma sociedade tão desigual nas oportunidades de ensino como a brasileira. Essa é, possivelmente, uma das razões pelas quais

³⁴ Conforme frase da famosa influenciadora digital Gabriela Pugliesi, ao promover uma festa no (até então) auge da pandemia, em março de 2020.

³⁵ Refiro-me aqui aos dois sentidos do termo “cura” em diversas línguas: tanto processo de tratamento quanto resultado final desse processo. Sabe-se que o segundo sentido é o que se faz mais presente no uso corrente da língua portuguesa, mas vale destacar que Nietzsche parece estar se valendo largamente do primeiro sentido em sua obra (cf. PIMENTA, 2011).

³⁶ Para mencionar um exemplo que me parece paradigmático, pesquisas na área de Ciências Sociais demonstram que, a despeito do atual alto índice de rejeição ao governo de Jair Bolsonaro, houve um considerável aumento na adesão ao seu discurso negacionista, em especial no que diz respeito à pandemia e às formas de tratamento da Covid-19. Portanto, esse é um importante indício de que, mesmo em caso de derrota nas próximas eleições presidenciais, o negacionismo, representado no Brasil especialmente pela figura de Jair Bolsonaro, deve seguir fazendo parte do nosso imaginário. Cf. AVRITZER, Leonardo. A cara da democracia – Brasileiros se posicionam à direita e acreditam em conspiração na pandemia. **UOL**, Brasil, 7 de mai. De 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/a-cara-da-democracia/2021/05/07/brasileiros-se-posicionam-a-direita-e-acreditam-em-conspiracao-na-pandemia.htm>>. Acesso em 9 de mai. De 2021.

os discursos da política e da religião toquem tão mais diretamente os afetos da população: as pessoas se sentem mais identificadas e, portanto, de fato representadas, por tais discursos. Se não são dadas oportunidades efetivas de acesso ao conhecimento aos indivíduos, cresce exponencialmente a probabilidade de que discursos como o negacionista sejam aderidos pela população. Há de se renovar, entretanto, não apenas as maneiras de acesso e transmissão do conhecimento, especialmente do conhecimento dito especializado, mas é sobretudo fundamental que essa transmissão do conhecimento científico seja parte de um projeto político, o qual deve considerar especialmente o contexto contemporâneo das mídias digitais.

O negacionismo não é, como se sabe, apenas um problema que toca questões relativas ao conhecimento. Sob esse ponto de vista, ainda mais complicado, talvez seja o caso de considerar o aspecto “terapêutico” da filosofia de Nietzsche, o qual pode nos ajudar a pensar formas de “tratamento” para o cenário da “crise do sentido” contemporânea. Esse problema merece ser abordado com mais cuidado em novas reflexões, porém entendo que um dos projetos centrais da filosofia de Nietzsche é deixar abertas possibilidades de apropriação da realidade por parte dos indivíduos, de tal modo que se crie um genuíno sentimento de pertencimento a discursos que não sejam apenas autodestrutivos, como é o caso do negacionismo.

Referências bibliográficas

ARALDI, Clademir. **Nietzsche**: do niilismo ao naturalismo moral. Pelotas: NEPFil online, 2013.

AXT, Jordan et. all. Fake news attributions as a source of nonspecific structure. In: GREIFENEDER, Rainer et. all. (eds.) **The Psychology of fake news**: Accepting, Sharing and Correcting Misinformation. London and New York: Routledge, 2021, pp. 219-234.

BORNHEIM, Gerd. **Temas de filosofia**. Org. Gaspar Paz. São Paulo: EDUSP, 2015.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, pp. 15-38.

FREUD, Sigmund (1925). A negação. In: Freud, Sigmund. **Obras Completas** (vol. 16, pp. 275-282). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Die Verneinung. In: FREUD, Sigmund. **Gesammelte Werke**. Bd. XIV. London: Imago Publishing, 1955.

GIACOIA Jr., Oswaldo. **Nietzsche: o humano como memória e como promessa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GREIFENEDER, Rainer et. all. What is new and true about fake news? In: GREIFENEDER, Rainer et. all. (eds.) **The Psychology of fake news: Accepting, Sharing and Correcting Misinformation**. London and New York: Routledge, 2021, pp. xi-8.

HEIDEGGER, Martin. A sentença nietzschiana “Deus está morto”. Tradução de Marco Casanova. In: **Natureza Humana**, 5(2), pp. 471-526, jul.-dez. 2003.

KUHN, Elisabeth. **Friedrich Nietzsches Philosophie des europäischen Nihilismus**. Berlin/New York: de Gruyter, 1992.

MEDRADO, Alice Parrela. **Imoralismo e liberdade em Nietzsche**. Belo Horizonte: FAFICH-UFMG, 2021 (Tese de Doutorado).

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. Décadence artística enquanto decadence fisiológica. A propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner. In: **Cadernos Nietzsche**, n. 6, 1999, pp. 11-30.

_____. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. Tradução de Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. “O niilismo europeu”. Tradução de Clademir Araldi. In: **Estudos Nietzsche**, Cutiba, v. 3, n. 2, p. 249-255, jul./dez. 2013.

PIMENTA, Sílvia. “O niilismo é algo que não se cura – notas sobre a grande saúde”. In: BARRENCHEA, M. A. et al., **Nietzsche e as ciências**, pp. 71-85. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2011.

REGINSTER, Bernard. **The affirmation of life: Nietzsche on overcoming nihilism**. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 2006.

TONGEREN, Paul van. **Friedrich Nietzsche and European nihilism**. Cambridge, United Kingdom: Cambridge Scholars Publishing, 2018.

ZITTEL, Klaus. **Selbstaufhebungenfiguren bei Nietzsche**. Würzburg, Alemanha: Königshausen und Neumann, 1993.

Mídias online:

AVRITZER, Leonardo. A cara da democracia – Brasileiros se posicionam à direita e acreditam em conspiração na pandemia. **UOL**, Brasil, 7 de mai. De 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/a-cara-da-democracia/2021/05/07/brasileiros-se-posicionam-a-direita-e-acreditam-em-conspiracao-na-pandemia.htm>>. Acesso em 9 de mai. De 2021.

BASILIO, Ana Luisa. Retrospectiva: as piores declarações de Bolsonaro sobre a pandemia. **Carta Capital**, Brasil, 27 de dez. de 2020. Disponível em

<<https://www.cartacapital.com.br/politica/retrospectiva-as-piores-declaracoes-de-bolsonaro-durante-a-pandemia/>>. Acesso em 14 de abr. de 2021.

BOLSONARO diz que não traz brasileiros da China porque ‘custa caro’ e não há lei de quarentena. **G1**, Brasília, 31 de jan. de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/31/bolsonaro-reune-ministros-para-avaliar-risco-do-coronavirus-e-situacao-de-brasileiros-na-china.ghtml>>. Acesso em 13 de abr. de 2021.

BOLSONARO volta a chamar medidas contra coronavírus de histeria. **CNN Brasil**, Brasil, 17 de mar. de 2020. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/03/17/bolsonaro-volta-a-falar-em-histeria-e-diz-que-medidas-contracoronavirus-afetam>>. Acesso em 14 de abr. de 2021.

CASTRO, Marcia C. et. all. Spatiotemporal pattern of COVID-19 spread in Brazil. **Science**, Washington, D.C., United States of America, 14 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://science.sciencemag.org/content/early/2021/04/13/science.abh1558>>. Acesso em 19 de abr. de 2021.

DILEMA das redes, O. Direção: Jeff Orlowski. Produção de Netflix. Estados Unidos: Netflix, 2020. Netflix.

‘GRIPEZINHA’: leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19. **Uol**, São Paulo, 24 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-Presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>>. Acesso em 14 de abr. de 2021.

‘NINGUÉM vai tolher meu direito de ir e vir’, diz Bolsonaro em passeio. **R7**, Brasil, 10 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/ninguem-vai-tolher-meu-direito-de-ir-e-vir-diz-bolsonaro-em-passeio-10042020>>. Acesso em 14 de abr. de 2021.

OLIVA, Gabriela. 251 mil mortes por covid: Relembre as falas de Bolsonaro sobre a pandemia. **Poder 360**, Brasil, 26 de fev. de 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/1-ano-de-covid-no-brasil/251-mil-mortes-por-covid-relembre-as-falas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia/>>. Acesso em 14 de abr. de 2021.

‘PAÍS de maricas’: 9 frases de Bolsonaro sobre pandemia que matou 162 mil pessoas no Brasil. **BBC News**, Brasil, 11 de nov. de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/11/11/pais-de-maricas-9-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia-que-matou-162-mil-pessoas-no-brasil.htm>>. Acesso em 14 de abr. de 2021.

RELEMBRE as frases polêmicas de Bolsonaro sobre a pandemia. **Terra**, Brasil, 28 de dez. de 2020. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/relembre-as-frases-polemicas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia,61d222c42a1a30f2cde281a03976f712i13firg8.html>>. Acesso em 14 de abr. de 2021.

VEJA as pérolas que já foram ditas sobre a pandemia no Brasil. **Folha de São Paulo**, Brasil, 26 de mai. de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/veja-as-perolas-que-ja-foram-ditas-sobre-a-pandemia-no-brasil.shtml>>. Acesso em 14 de abr. de 2021.

VEJA frases de Bolsonaro durante a pandemia do novo coronavírus. **G1**, Brasil, 30 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/30/veja-frases-de-bolsonaro-durante-a-pandemia-do-novo-coronavirus.ghtml>>. Acesso em 14 de abr. de 2021.

VÍRUS verbal: frases de Bolsonaro sobre a pandemia. **Deutsche Welle**, Brasil, 05 de mar. de 2021. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/v%C3%ADrus-verbal-frases-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia/g-54080275>>. Acesso em 14 de abr. de 2021.